

A personalidade agressiva nos pré-adolescentes: um estudo empírico

MARIA BENEDICTA MONTEIRO *

INTRODUÇÃO

A hipótese de existência de uma organização estável no indivíduo, produzindo uma consistência comportamental ao longo do tempo (consistência temporal ou longitudinal) e através de diferentes situações (consistência horizontal, contemporânea ou transsituacional), tem sido tradicionalmente defendida pelas correntes teóricas da psicologia de orientação mais fenomenológica, mas raramente retomada no contexto de investigação em Psicologia Social, esta mais polarizada na exploração e teorização das variáveis situacionais que configuram e definem as reacções dos indivíduos, independentemente de quaisquer considerações diferenciais.

Na área do estudo do *comportamento agressivo*, também os psicólogos sociais raramente se afastaram daquela orientação, e a investigação tem-se polarizado, durante os últimos 30 anos, na exploração e validação das duas teorias com maior capacidade heurística neste

domínio: a *Teoria de frustração-agressão*, enunciada por Dollard, Miller e col. (1939), e revitalizada, nos últimos 15 anos, por Berkowitz (1969) e seus seguidores, e a *Teoria de Aprendizagem Social*, de Bandura (1973).

A persistência e a profundidade da investigação conduzida sob o signo das teorias anteriormente mencionadas, evidenciaram a real importância, até aí menosprezada, dos determinantes situacionais — a frustração ou a modelagem social — no desencadeamento do comportamento agressivo (vide o artigo de revisão sobre este assunto, de Monteiro, M. B., Vala, J. *et al.* 1980).

Outras linhas de investigação prosseguiram, porém, na exploração das variáveis moderadoras que especifiquem as condições em que a configuração situacional produz ou facilita o comportamento agressivo; o estudo que agora se apresenta situa-se nesta linha, e procura verificar a existência, em certos indivíduos, de padrões estáveis, transituacionais, de comportamento associados ao comportamento agressivo — o que permitiria pôr a hipótese da génese e formação da «personalidade» agressiva.

A investigação neste domínio evidenciou já alguns resultados que apontam para a relevância da questão: assim, Berkowitz (1969) refere uma «tendência geral» para o comportamento agressivo nos sujeitos que exibirem maior com-

* M. B. M. é Psicóloga Social, docente do ISPA e Investigadora do Grupo de Estudos de Psicologia Social. Artigo escrito no âmbito do projecto n.º 125.79.102, do programa de investigação da JNICT para 1981. Agradeço a J. Ph. Leyens e a Jorge Vala o apoio prestado ao longo da execução de todo o estudo. Aos colegas Luís Soczka e Garcia de Abreu, bem como a todos os que participaram na recolha de dados, agradeço a colaboração e todas as críticas e sugestões que permitiram melhorar este trabalho.

portamento agressivo nas situações experimentais, enquanto outros estudos atestam o facto que os indivíduos habitualmente mais agressivos (Hartman, 1969), ou mais irritados (Levens e Parke, 1975), são os que mais reagem à violência filmada, e Friedrich & Stein (1973) encontraram efeitos significativos da exposição a filmes violentos apenas em crianças (de idade pré-escolar), em que a medida-base do comportamento agressivo era já acima da média.

Outros estudos salientaram, porém, o efeito principal dessa variável situacional (os filmes violentos), apenas em relação aos indivíduos inicialmente menos agressivos: é o caso de dois pequenos estudos, de Steuer (1973) e de Ciarkowska (1976), que verificaram aumento de comportamento agressivo em adolescentes normais, mas não em adolescentes psicopatas. Na mesma linha, Goldberg (1973), Eron *et al.* (1972) e Lefkowitz *et al.* (1977), encontravam correlação significativa entre a violência filmada na TV e algumas medidas de agressão em raparigas (inicialmente as menos agressivas), mas não nos rapazes (inicialmente os mais agressivos).

1. PERSONALIDADE E AGRESSÃO

Os estudos que mencionámos tomaram, praticamente, em conta como única variável dife-

rencial dos indivíduos a *agressividade dos sujeitos*, traduzida e operacionalizada em conceitos e medidas de *hostilidade*, de *impulsividade* ou de *irritabilidade* (Buss 1968, Berkowitz 1962, Caprara e Renzi 1981).

Mas parece-nos possível pôr a hipótese da existência de um grupo de variáveis, aparentemente não ligadas ao comportamento agressivo observável, mas que desempenham um papel decisivo no desencadeamento desse mesmo comportamento. Nessa linha, Pitkänen (1973, 1976), construiu um modelo bi-dimensional para descrição dos estilos de reacção social infantil: neste modelo (fig. 1), o comportamento social varia ao longo de dois eixos que determinam quatro tipos de personalidade: o grupo agressivo situa-se no quadrante de *fraco controlo dos impulsos* e de *elevado n.º de respostas abertas*. Pitkänen (1975) encontrou ainda uma estabilidade acentuada ao longo do tempo, nestes 4 tipos de personalidade, utilizando medidas de avaliação externas (os colegas e os professores).

A ligação do comportamento agressivo a um déficite de auto-controlo interno dos impulsos, bem como a um grau elevado de actividade, é também referida por outros autores: Forrest (1977) factorizou 38 itens do Junior P. I. de Eysenck, discriminantes (D^2 Mahalanobis) de

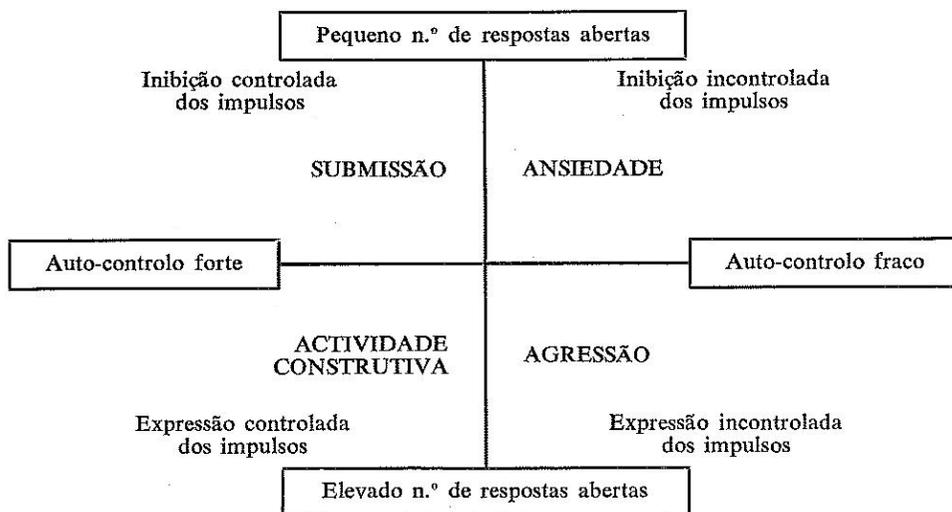


Fig. 1 — Modelo bidimensional para descrição dos estilos de reacção social infantil (Pitkänen, 1973).

2 grupos de adolescentes (delinquentes e não-delinquentes), e encontrou 6 factores com significado psicológico, entre os quais a *impulsividade* (as decisões súbitas e imponderadas) e a *extroversão social* (a actividade descontraída, o «não-te-rales»), do lado da delinquência.

Os conceitos de personalidade, de traço e de dimensão têm sido recentemente analisados e criticados por autores que crêem que estes conceitos se tornaram inoperantes na investigação sobre o comportamento humano (Mischel 1968, 1973, Bandura e Walters, 1963; Skinner, 1963). Mas será que podemos simplesmente dispensar um tipo de conceitos que parecem recobrir processos e estruturas internas, ou será possível, como pretendem alguns autores, nomeadamente da área cognitivista, utilizá-los como «a schema, or a cognitive rule, that guides behavior in a variety of situations perceived as belonging to this schema or subject to this rule (...) This is what I mean by a trait: it is a cognitive process that equates eitherwise different situations in terms of their attitudes or consequences (Stagner 1976, pág. 116). Nesta perspectiva, os indivíduos poderiam, bastante cedo no seu desenvolvimento, formar e estabilizar «esquemas», ou regras cognitivas oriundas da cultura em que se integram, e organizá-las de uma forma particular e idiosincrática, que daria ao seu comportamento um *estilo* pessoal durável: «... the child conforms to situational demands with regard to social rules and institutional patterns; but his personality will continue to reveal underlying uniformities which correspond to these deep cognitive-affective structures that I call traits» (Stagner 1976, pág. 117).

A questão fulcral, entretanto, não parece ser tanto a proposta, quer de personalistas, quer de cognitivistas, de que existem estruturas internas, constructos pessoais ou outro tipo de cognições organizadas, mas qual a função que eles desempenham no desencadeamento actual das diversas sequências comportamentais, sendo neste domínio radicais as posições assumidas por certos psicólogos situacionistas, como, por exemplo, Mischel (1971) e Osgood (1968),

quando afirmam: «In spite of the obvious importance of personal constructs and other cognitions, one cannot assume that they are the main causes of the person's behavior» (Mischel, pág. 104), ou «It is one thing to use notions like "competence", "knowledge" and "rules" as heuristic devices, as sources of hypotheses about performance, it is quite another thing to use them as explorations of performance ...» (Osgood, pág. 505).

Sem entrarmos profundamente nesta polémica, diremos apenas que parece haver evidência teórica e experimental de que o comportamento humano não se processa num vácuo, sendo determinante para a sua compreensão o contexto social em que ocorre, mas também que os indivíduos estabilizam, ao longo da sua aprendizagem social, padrões de comportamento, uniformidades cognitivas e afectivas, que adquirem uma consistência idiosincrática, e mediatizam as respostas socializadas (Olweus, 1979).

O estudo que apresentamos insere-se numa investigação mais vasta, de orientação interaccionista, que visa determinar os efeitos combinados de uma situação (a violência no écran) e dos estilos individuais de comportamento (a personalidade) sobre as respostas de sujeitos isolados e em interacção com os seus pares. Esta primeira parte representa a tentativa de encontrar, em relação a uma forma específica de comportamento social (a agressão aberta interpessoal) a configuração de atitudes e de «regras cognitivas» que contribuem para a tornar um «estilo» persistente de interacção social.

2. HIPÓTESES

O estudo que agora se apresenta procura responder, fundamentalmente, à seguinte questão: a ocorrência do comportamento agressivo nos pré-adolescentes, em meio escolar, é determinada apenas pelo tipo de situações que aí se apresenta, ou certos indivíduos, pela organização prévia do seu comportamento, estão mais predispostos do que outros a reagir agressivamente a essas mesmas situações? Pomos,

por outras palavras, a hipótese da existência da «personalidade agressiva», e foi nosso intuito procurar as dimensões da personalidade que caracterizam os indivíduos que exibem de forma estável e reconhecida pelos outros, comportamentos agressivos.

Seguimos, nesta exploração, certas hipóteses já parcialmente confirmadas para grupos etários diferentes, nomeadamente: a) que os comportamentos agressivos estão associados à tendência para produção de um n.º elevado de respostas abertas e ao fraco controlo dos impulsos (Pitkänen 1973 Legerspets e Engblom, 1978); b) que os comportamentos agressivos estão associados à dominância social dos sujeitos (Cattell, 1954).

1. SUJEITOS

230 crianças, de 10, 11 e 12 anos, que frequentavam 3 estabelecimentos do Ensino Preparatório, em Lisboa e arredores, no ano lectivo de 1979/80; das três escolas, uma era privada-religiosa, a segunda privada-laica e a terceira era estatal. A composição total da amostra foi a seguinte:

Distribuição p/ sexos		Distribuição p/ idades	
M	140	10 anos	40
F	90	11 anos	107
Total	230	12 anos	83
		Total	230

2. PROCEDIMENTOS

2.1. A medida de personalidade

Para medir a personalidade dos pré-adolescentes escolhemos o *Children Personality Questionnaire — C. P. Q. —* de Porter e Cattell (1965), que apresenta, na nossa opinião, algumas vantagens sobre outros instrumentos paralelos: segundo os seus autores, discrimina 14 dimensões na personalidade infantil, dimensões essas presentes, também, na personalidade dos adolescentes (*H.S.P.Q.*) e dos adultos (*16 P.F.Q.*) e apresenta validade transcultural (Warren N. 1976).

Este instrumento evidencia, no entanto, algumas desvantagens sérias, a que não nos furtámos, e que gostaríamos de deixar expressas: o método do questionário, em si mesmo, apresentando aos sujeitos perguntas fechadas sobre a forma como normalmente agem, ou as suas preferências em diversas matérias, levantam

problemas de subjectividade e de desejabilidade social nas respostas. Além disso, as 140 perguntas que constituem originalmente as duas partes (A_1 e A_2) da Forma A, mais as 140 perguntas da Forma B (B_1 e B_2), fatigam as crianças e deixam margem de dúvida quanto à «correção» das respostas, mesmo quando, como aconteceu neste caso, tivemos o cuidado de fazer um intervalo de 10 minutos entre as 2 partes de cada Forma e um intervalo de 2 semanas entre as 2 Formas, A e B.

Do ponto de vista do seu conteúdo, o C.P.Q. fornece uma descrição geral da estrutura da personalidade das crianças entre os 8 e os 12 anos, discriminando 14 dimensões ou factores primários, obtidos a partir de uma análise factorial dos componentes principais, seguida de múltiplas rotações oblíquas manuais e, mais recentemente, conseguida por um programa informático construído para o efeito, por Cattell e Muerle (1960): o «Maxplane program for factor rotation to oblique simple structure».

Na utilização do C.P.Q. com os sujeitos já mencionados seguimos as seguintes etapas:

a) Tradução das 2 formas do Questionário a partir da versão francesa editada pelo CPA (Porter e Cattell, 1965).

b) Pré-teste, em duas classes de pré-adolescentes, de ambos os sexos, para o aperfeiçoamento da tradução, do método de aplicação colectiva e da duração da aplicação: neste pré-teste a aplicação do Questionário foi feita oralmente numa das classes (o experimentador lia devagar cada uma das perguntas e aguardava que todas as crianças respondessem antes de prosseguir) e livre na outra classe (o experimentador, depois de dar instruções pormenorizadas, deixava as crianças trabalhar livremente, só intervindo para responder a dificuldades individuais de compreensão do vocabulário. O ensaio demonstrou a correção deste último método de aplicação em crianças de 10 a 12 anos: estas trabalharam melhor na forma livre, e responderam às 140 perguntas do questionário em menos de 50 minutos (com um intervalo de 10 minutos entre cada grupo de 70 perguntas).

c) Aplicação do questionário, formas A e B a 121 crianças, numa primeira fase e a 109 na segunda, perfazendo o total de 230.

d) Apuramento das pontuações parciais e totais, por factor¹.

¹ Este método de trabalho só foi utilizado após tentativa, sem sucesso, de reencontrar os factores ori-

	Quase sempre	Muitas vezes	Algumas vezes	Poucas vezes	Quase nunca
Agressivo					
Simpático					
Calm					

Fig. 2 — Escala para medida do índice de agressividade individual

2.2. A medida de agressividade dos sujeitos

Para medir o grau de agressividade dos sujeitos construímos uma escala de avaliação da mesma pelos seus pares (as crianças da mesma turma), apresentando o adjetivo agressivo (e dois outros adjetivos de controlo: simpático e calmo), com possibilidade de graduação em 5 posições de frequência progressiva (fig. 2).

O objectivo desta escala foi a determinação de um índice individual de agressividade dos pré-adolescentes, num meio escolar, independente da auto-avaliação e auto-descrição que caracterizara a medida de personalidade.

O pré-teste a que a escala foi submetida revelou que as crianças associavam ao adjetivo agressivo os actos de bater, partir, empurrar, insultar e estragar, pelo que estes verbos foram associados à palavra estímulo, no acto de aplicação de escala.

O índice individual de agressividade foi calculado de acordo com uma fórmula de média ponderada que valoriza duplamente os juízos extremos da escala². O tratamento subsequente consistiu no traçado das distribuições das frequências dos sujeitos segundo o seu índice de agressividade e o sexo, bem como a determinação dos grupos extremos dessas distribuições (1.º e 4.º quartis) (fig. 3).

Os grupos extremos da distribuições constituíram, finalmente, os 2 grupos experimentais para o estudo da personalidade agressiva em cada um dos sexos.

ginais do questionário através de extenso trabalho de análise factorial (14 análises, utilizando dois métodos diferentes de extracção de factores: a partir das correlações mais elevadas, e a partir dos quadrados de correlação múltipla; e dois métodos de rotação dos eixos: ortogonal (Varimax) e oblíquo (Oblimin).

² Fórmula do índice de agressividade:

$$\frac{(J_1 + 0,5 J_2) - (0,5 J_4 + J_5) \times 100}{N}$$

onde N=n.º de juízos emitidos sobre cada sujeito, J₁, J₂, J₄ e J₅=4 posições laterais da escala, respectivamente: Quase sempre, Muitas vezes, Poucas vezes e Quase nunca.

2.3. As dimensões da personalidade agressiva

A parte final do estudo combinou os resultados obtidos pelos sujeitos no CPQ (Forma A) com os índices individuais de agressividade atribuídos pelos pares. Para isso, reportámo-nos às matrizes de correlações obtidas a partir das pontuações dos sujeitos nos factores originais, tendo-lhes sido acrescentados, como 15.º, o índice de agressividade, como 16.º, a idade e como 17.º, o sexo. Sobre essa matriz de correlações efectuámos uma análise de clusters (Mckitty, 1956), a fim de obter o agrupamento de variáveis associado à agressividade.

A comparação dos grupos agressivo e não agressivo (1.º e 4.º quartos da distribuição dos sujeitos segundo o seu índice de agressividade, por sexos), segundo os resultados obtidos nos factores do cluster que inclui a agressividade, elucidaram-nos, finalmente, sobre a composição e significado da personalidade agressiva dos pré-adolescentes.

2.4. Com o objectivo de confirmar a capacidade dos 3 factores em discriminar os grupos de sujeitos, aplicou-se ainda um tratamento estatístico complementar, caracterizado pela sua potência neste tipo de estudos — a análise discriminante — que permite explicar uma característica qualitativa através de uma outra, ou mais, de carácter quantitativo, com fins decisoriais³.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1.1. Os resultados mais interessantes, obtidos tanto na factorização dos 14 SCORES parciais do CPQ como na análise de clusters efectuada sobre a matriz de correlações das pontuações dos sujeitos por factor é a junção dos factores

³ Utilizou-se, para o efeito, o programa informático BMDØ 5 M - Discriminant Analysis — Several groups. Health Sciences Computing Facility, UCLA (disponível no Centro de Informática do LNEC).

QUADRO I

PADRÃO FACTORIAL DOS FACTORES DO CPQ, DA IDADE E DO ÍNDICE DE AGRESSIVIDADE, DEPOIS DE ROTAÇÃO ORTOGONAL DOS EIXOS. VARIÂNCIA TOTAL EXPLICADA 61%

Variáveis	Factor 1 Eigenvalue 4,70	Factor 2 Eigenvalue 2,80	Factor 3 Eigenvalue 1,24	Factor 4 Eigenvalue 1,08
1 (A)	.73			
2 (B)			.77	
3 (C)	.71			
4 (D)	-.59			
5 (E)		.81		
6 (F)		.69		
7 (G)	.42	-.55		
8 (H)	.78			
9 (I)		-.79		
10 (J)	-.65			
11 (N)		.74		
12 (O)	-.74			
13 (Q)	.57	-.59		
14 (Q)	-.57		.45	
15 (Idade)				.88
16 (Agress.)		.35		.45

E, F, I e agressividade num mesmo factor, bem como no mesmo cluster (quadros I, II e III).

Esta convergência de resultados acentua o significado de qualquer um deles isoladamente e permitiu avançar, com maior segurança, para a procura do significado psicológico dos factores isolados, bem como dos clusters. De facto, a análise das perguntas que constituem os factores comuns salientados pelas duas técnicas de análise correlacional, evidencia para o conjunto das questões que integram o factor F, a tendência para a actividade imediata, que implique acção motora e espírito de aventura (F+), versus tendência para a actividade individual, de carácter mais introspectivo, calmo e auto-suficiente (F-); no factor E, as 10 questões que o integram podem traduzir-se em tendência à auto-afirmação social, preferência por actividades ou profissões de estatuto social dominante, necessidade de se fazer ouvir pelos outros e gosto pelas situações de risco (E+), versus tendência para o conformismo, para o

apagamento pessoal e para estabelecer relações de dependências com a maioria quantitativa ou com os mais fortes (maioria qualitativa) (E-); em relação às questões que compõem o factor I, salientou-se uma hipersensibilidade aos acontecimentos, levando ao medo, às lágrimas ou à empatia rápida (I+), versus a adopção de atitudes frias e pragmáticas, que evitem o envolvimento emocional, face a esse mesmo tipo de acontecimentos «dramáticos»⁴.

2. Os resultados do tratamento dado à escala de *agressividade individual* observada pelos pares dos sujeitos (os alunos da mesma turma), evidenciaram, aliás, na linha da totalidade das investigações neste domínio, uma diferença entre os sexos, sendo os rapazes aqueles que obtêm, em média, um índice mais elevado ($\bar{x} = 34,1$; $s = 17,7$; $\bar{x} = 23,0$; $s = 12,5$). O cálculo, posterior, dos 1.º e 4.º quartis de cada uma das distribuições, como pontos (arbitrários) para determinação dos dois grupos extremos de sujeitos, os muito agressivos e os nada agressivos, fixou os grupos, masculino e feminino, em pontos diferentes desse distribuição (fig. 3).

3. O quadro IV mostra a capacidade que os factores isolados na análise de clusters têm para diferenciar os grupos agressivo e não agressivo de sujeitos (teste de diferença de médias de Mann-Whitney).

Verificou-se que os grupos masculinos se diferenciam significativamente nos resultados obtidos nas dimensões E, F e I do CPQ, enquanto o mesmo não acontece com os grupos femininos.

4. Os resultados de análise discriminante confirmaram a capacidade discriminativa dos 3 factores do CPQ para os grupos agressivo e não

⁴ As restrições de espaço impedem de publicar aqui o texto das 10 questões que integram cada um dos factores acima mencionados, o que permitiria um melhor entendimento das interpretações agora propostas. As 30 questões, bem como os originais dos questionários, encontram-se no II volume da tese de Licenciatura Complementar, apresentado pela autora e por Jorge Vala na Universidade de Lovaina, em 1980.

QUADRO II*
 CPQ — FORMA A — MATRIZ DE CORRELAÇÕES DOS
 14 SCORES PARCIAIS + IDADE + SEXO + AGRESSIVIDADE — 230 SUJEITOS

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	N	O	Q3	Q4	AG	SEX	ID
A		0.01	0.44	-0.46	-0.09	-0.02	0.33	0.56	0.05	-0.47	-0.23	-0.42	0.51	-0.46	-0.07	0.03	-0.00
B	0.01		0.18	-0.23	-0.05	-0.17	0.06	0.06	0.15	-0.03	0.13	-0.01	0.06	0.11	-0.02	0.05	-0.14
C	0.44	0.18		-0.38	-0.04	0.02	0.21	0.48	-0.03	-0.14	-0.22	-0.58	0.41	-0.34	-0.08	-0.05	0.07
D	-0.46	-0.23	-0.38		0.40	0.23	-0.56	-0.51	-0.21	0.36	0.32	0.44	-0.55	0.43	0.21	-0.09	0.18
E	-0.09	-0.05	-0.04	0.40		0.44	-0.44	-0.08	-0.52	0.03	0.43	0.21	-0.47	0.30	0.13	-0.24	0.10
F	-0.02	-0.17	0.02	0.23	0.44		-0.35	-0.06	-0.67	-0.10	0.23	0.06	-0.27	0.02	0.28	-0.61	0.29
G	0.33	0.06	0.21	-0.56	-0.44	-0.35		0.36	0.39	-0.17	-0.42	-0.39	0.53	-0.46	-0.13	0.11	-0.29
H	0.56	0.06	0.48	-0.51	-0.08	-0.06	0.36		0.02	-0.43	-0.18	-0.53	0.53	-0.33	-0.10	0.05	-0.06
I	0.05	0.15	-0.03	-0.21	-0.52	-0.67	0.39	0.02		0.19	-0.33	-0.05	0.38	-0.12	-0.14	0.55	-0.23
J	-0.47	-0.03	-0.14	0.36	0.03	-0.10	-0.17	-0.43	0.19		0.05	0.29	-0.26	0.25	-0.03	0.18	0.05
N	-0.23	0.13	-0.22	0.32	0.43	0.23	-0.42	-0.18	-0.33	0.05		0.32	-0.56	0.33	0.06	-0.14	-0.02
O	-0.42	-0.01	-0.58	0.44	0.21	0.06	-0.39	-0.53	-0.05	0.29	0.32		-0.43	0.35	0.09	-0.02	-0.01
Q3	0.51	0.06	0.41	-0.55	-0.47	-0.27	0.53	0.53	0.38	-0.26	-0.56	-0.43		-0.52	-0.04	0.16	-0.05
Q4	-0.46	0.11	-0.34	0.43	0.30	0.02	-0.46	-0.33	-0.12	0.25	0.33	0.35	-0.52		-0.02	0.10	-0.02
AG	-0.07	-0.02	-0.08	0.21	0.13	0.28	-0.13	-0.10	-0.14	-0.03	0.06	0.09	-0.04	-0.02		-0.27	0.14
SEX	0.03	0.05	-0.05	-0.09	-0.24	-0.61	0.11	0.05	0.55	0.18	-0.14	-0.02	0.16	0.10	-0.27		
ID	-0.00	-0.14	0.07	0.18	0.10	0.29	-0.29	-0.06	-0.23	0.05	-0.02	-0.01	-0.05	-0.02	0.14		

* A inclusão da matriz de correlações completa deve-se ao facto de a técnica de análise de *clusters* utilizada (McKitty, 1958) exigir a utilização da matriz simétrica na sua forma total. O algoritmo utilizado é o seguinte:

- 1) Procura-se o valor mais elevado em cada coluna;
- 2) Procura-se o valor mais alto da matriz;
- 3) Cruza-se esse valor em linha, em cada hemimatriz, com os valores seleccionados em 1), determinando-se assim o primeiro *cluster*;
- 4) Procura-se o segundo valor mais alto da matriz;
- 5) Cruza-se esse valor em linha, em cada hemimatriz, com os valores seleccionados em 1), determinando-se assim o segundo *cluster*;
- 6) ... e assim por diante até se esgotarem as possibilidades de conglomeração.

QUADRO III
 CLUSTERS RESULTANTES DE MATRIZ DE CORRELAÇÕES DOS 14 SCORES PARCIAIS DO
 CPQ + IDADE + SEXO + AGRESSIVIDADE (MCKITTY, 1956)

CLUSTER 1	+ F + E + Idade	- I (-.67) + Agressiv. - Sexo	Extrovertido Dominante Mais velho	Pragmático Agressivo Masculino
CLUSTER 2	+ C	- O (-.58)	Emocionalmente estável	Calmo Sem inquietação
CLUSTER 3	+ A	+ H (.56) - J	Cordial/Parti- cipante	Sociável Confiante
CLUSTER 4	+ G + B	- D (-.56)	Consciencioso Inteligente	Reflectido/ Fleumático
CLUSTER 5	+ Q ₃	- N (-.56) - Q ₄	Cooperante/ Controlado	Natural Sem tensão

Frequência

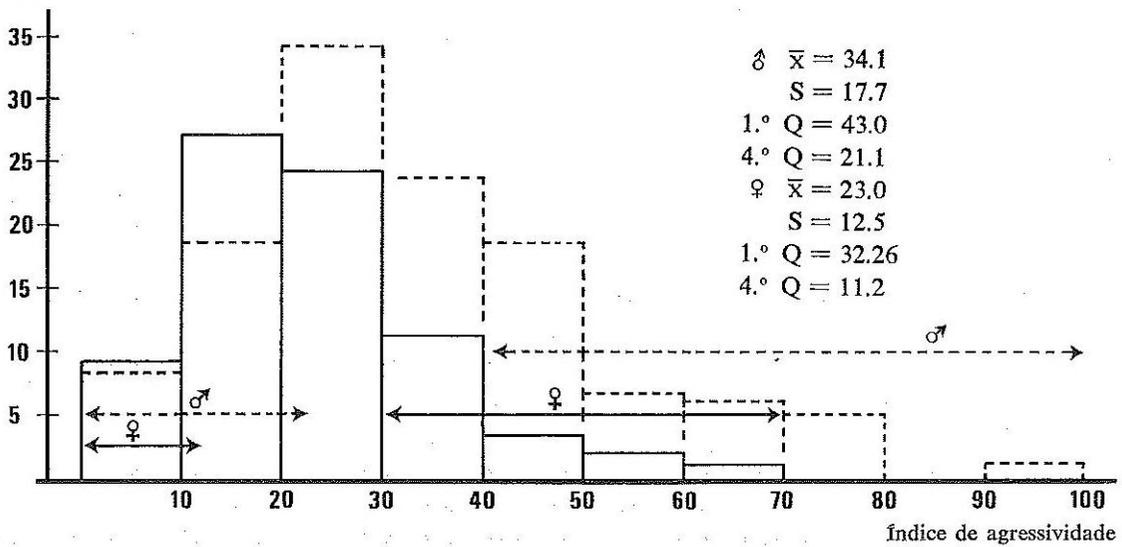


Fig. 3 — Quadro de frequência dos índices de agressividade, por sexos (♂ ♀ —).

agressivo masculinos (D^2 Mahalanobis=9.53838 com 3 df, $p < .029$), redundando numa probabilidade de inclusão de 70% de sujeitos no grupo agressivo e de 69% no grupo não agressivo (22 sujeitos em 31, para o primeiro caso, e 19 em 28, para o segundo).

As hipóteses formuladas inicialmente não supunham a existência significativa de diferenças entre sexos em relação às variáveis comportamentais presumivelmente associadas ao com-

QUADRO IV

TESTE DE DIFERENÇAS ENTRE OS GRUPOS AGRESSIVO E NÃO AGRESSIVO, PARA OS DOIS SEXOS, SEGUNDO OS RESULTADOS EM E, F, I DO CPQ.

Factor E	♂	$\frac{AGR}{NAGR}$	$\frac{\bar{x}=5,3}{\bar{x}=3,9}$	$Z=2.2$	$p < .01$ signif.
	♀	$\frac{AGR}{NAGR}$	$\frac{\bar{x}=3,8}{\bar{x}=3,1}$	$Z=.684$	$p < .47$ \bar{n} signif.
Factor F	♂	$\frac{AGR}{NAGR}$	$\frac{\bar{x}=6,2}{\bar{x}=5,3}$	$Z=1.5$	$p < .06$ signif.
	♀	$\frac{AGR}{NAGR}$	$\frac{\bar{x}=3,3}{\bar{x}=2,4}$	$Z=1.14$	$p < .12$ \bar{n} signif.
Factor I	♂	$\frac{AGR}{NAGR}$	$\frac{\bar{x}=3,0}{\bar{x}=4,3}$	$Z=-2.1$	$p < .02$ signif.
	♀	$\frac{AGR}{NAGR}$	$\frac{\bar{x}=6,4}{\bar{x}=7,2}$	$Z=.933$	$p < .17$ \bar{n} signif.

portamento agressivo aberto. Os resultados agora obtidos apontam, porém, para essa diferença: os rapazes habitualmente agressivos diferenciam-se dos habitualmente não-agressivos por um elevado número de respostas abertas (F+), por comportamentos de dominância social (E+), mas não por um fraco controlo dos impulsos (C+, $Q_3 + Q_4 -$); diferenciam-se ainda, no entanto, numa outra dimensão que não constava nas hipóteses que formulámos e que não vimos ainda salientada na literatura da investigação neste domínio: é a hipossensibilidade a acontecimentos de tipo «dramático» concomitante a atitudes pragmáticas e «realistas» que limitam o envolvimento emocional dos sujeitos na interacção, deixando-os menos sensíveis ao sofrimento da vítima ou às outras consequências socialmente negativas da sua acção.

Assim, enquanto no modelo de Pitkänen o comportamento agressivo se associa a um fraco controlo dos impulsos, a nossa interpretação do conjunto de questões que integram o Factor I evidencia precisamente o contrário: o indivíduo agressivo parece não reagir impulsivamente perante situações difíceis, mas antes combinar uma análise realista das situações com uma resposta aberta imediata e eficaz,

mesmo à custa de maior ou menor desaprovacão social.

Em relação às raparigas, um outro quadro se revela: nenhum dos 3 factores salientados na análise de clusters diferencia o grupo agressivo do grupo não-agressivo, o mesmo acontecendo com os restantes factores do CPQ. Querera isto dizer que existe, em relação aos rapazes, uma configuração comportamental mais vasta, associada à exibição da agressividade, mas que tal não acontece com as raparigas?

Apesar da evidência dos resultados, formulamos a hipótese de que as diferenças intra-sexo não se mostraram significativas, apenas por deficiência do instrumento de medida — os três factores do CPQ em causa: as raparigas evidenciam, com efeito, valores tão baixos nos factores E ($\bar{x}=3.46$) e F ($\bar{x}=3.07$), e tão elevados no factor I ($\bar{x}=6.57$), que pode, por um efeito de tecto (ceiling effect), o questionário não ter permitido a sua diferenciação quando cada sexo foi submetido a uma separação em 2 grupos — o agressivo e o não-agressivo, o que sugere a continuação de exploração daquelas variáveis através de uma afinação dos instrumentos de medida e de formulação de hipóteses mais consentâneas com a evidência empírica.

Os padrões de comportamento diferenciais encontrados para os grupos masculinos agressivo e não-agressivo permitem-nos, entretanto, confirmar a hipótese da existência de configurações de atitudes e de «regras cognitivas» específicas associadas ao comportamento agressivo aberto interpessoal, activáveis por diversos tipos de situações, e contribuindo para estabilizar, em certos indivíduos, um «estilo» persistente de interacção social.

SUMMARY

Discusses situational and personality variables as determinants of aggressive behavior and presents an empirical, correlational study of the personality components of aggressive behavior in adolescent boys of 10-12 years old. The results show that aggressive boys differ from

non-aggressive ones in three from the fourteen factors of Cattell's Children Personality Questionnaire: they exhibit more overt behavior, take more risks, are less empathetic and socially more dominant than non-aggressive ones.

REFERÊNCIAS

- BANDURA, A. (1973) — *Aggression: a social learning analysis*. Prentice-Hall, Englewood Cliffs, New Jersey.
- BANDURA, A. e WALTERS, R. (1963) — *Social learning and personality development*. Holt, Rinehart & Winston, New York.
- BERKOWITZ, L. (1979) — «The frustration-aggression hypothesis revisited», in L. Berkowitz (ed.), *Roots of Aggression*. Atherton Press, New York.
- BUSS, A. H. (1961) — *The Psychology of Aggression*. Wiley, New York.
- CAPRARA, G. V. e RENZI, P. (1981) — *The frustration-aggression hypothesis vs. irritability*. Università di Roma, Istituto di Psicologia (in press).
- CATTELL, R. (1954) — «The primary personality factors in the questionnaire medium for children 10-14 years old», *Educ. and Psychological Measurement*, 14:50-76.
- CIARKOWSKA, W. (1976) — *Effect of the emotional cue on the aggressive behavior intensity in persons with different degree of psychopathic features*. Inst. Psychology, University of Warsaw, Mimeogr. Rep. 1, 21.
- DOLLARD, J. MILLER, N. E., DOOB, L. N., MOWRER, O. M. e SEARS, R. R. (1939) — *Frustration and Aggression*. Yale University Press. New Haven.
- ERON, L. D., LEFKOWITZ, M. H. HUESMAN, R. e WALDER, L. (1972) — «Does Television violence cause Aggression?», *American Psychologist*, 27:253-263.
- FRIEDRICH, L. K. e STEIN, A. H. (1973) — «Aggressive and prosocial programs and the natural behavior of preschool children», *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 38, 4, serial n.º 151.
- GOLDBERG, J. F. (1973) — «Film-mediated aggression: the effects of environmental cues», *Diss. Abstr. Int.* 34 (B):853.
- HARTMANN, D. P. (1969) — «Influence of symbolically modeled instrumental aggression and pain cues on aggressive behavior», *Journal of Personality and Social Behavior*, 11:280-288.
- LAGERSPETS, K. e ENGBLOM, P. (1978) — «Immediate Reactions to TV-violence by Finnish pre-school children of different personality types», *Scandinavian J. Psychology*, 1:11.
- LEFKOWITZ, M., ERON, L., WALDER, L. e HUESMANN, L. (1977) — «Growiny up to be violent: a longitudinal Study of the development of aggression, Pergamon General Psychol. Series, Pergamon Press, New York.
- LEYENS, J. P. e PARKE, R. D. (1975) — «Aggressive slides can induce an weapon effect». *European Journal of Social Psychology*, 5:229-236.

- MCKITTY, L. L. (1957) — «Elementary linkage Analysis for isolation of orthogonal and oblique types of typal relevances», *Educational Psychol. Measurement*, 17:207-229.
- MISCHEL, W. (1968) — *Personality and Assessment*. Wiley, New York.
- MISCHEL, W. (1971) — *Introduction to Personality*. Holt, Rinehart & Winston, Inc.
- MISCHEL, W. (1973) — «Towards a cognitive social learning reconceptualisation of personality», *Psychological Review*,
- MONTEIRO, M. B., VALA, J., SARAIVA, C. e COSTA, V. (1980) — «Violência filmada e Comportamentos agressivos: I - A investigação experimental e as suas hipóteses», *Psicologia* 1, 2: 135-146.
- OLWEUS, D. (1979) — «Stability of aggressive reaction patterns in males; a review», *Psychological Bulletin*, vol. 86, 4:852-875.
- PITKÄNNEN, L. (1973) — «An aggression machine, III: the stability of aggressive and non-aggressive patterns of behavior», *Scandinavian J. Psychology*, 14:75-77.
- PORTER, R. e CATTELL, R. B. (1965) — *Test et Manuel d'Application du C.P.Q. - Questionnaire de personnalité pour enfants*. Ed. du C.P.A., Paris.
- SKINNER, B. F. (1961) — *Science and Human Behavior*. Foe Press, New York.
- STAGNER, R. (1976) — «Traits are relevant: theoretical analysis of empirical evidence, in Endler, N. S. & Magnusson, D. (eds.), *Interactional Psychology and Personality*, John Wiley & Sons, New York.